

1976

BONINO 200

Bandeira / Goeldi / Portinari / Raymundo / Serpa



200 Exposições da Galeria Bonino

1960

1. Exposição Inaugural
2. Bruno Giorgi
3. Cândido Portinari
4. Acervo
5. Goeldi / Grassman
6. Lygia Clark
7. Kasuya Sakai
8. Franz Kracjberg
9. Aldemir Martins

1961

10. Djanira
11. Hector Basaldua
12. Candido Portinari
13. Loio Persio
14. Fayga Ostrower
15. Ronaldo de Juan
16. Acervo
17. Lançamento do Livro de Djanira, Álbum de Djanira; de Bandeira, de Mathieu / Guaches / joias de Caio Mourão.

1962

19. Fernando de Szyslo
20. Lula Cardoso Ayres
21. Gertrudis Chale
22. Pablo Picasso
23. Loio Persio
24. Antonio Bandeira
25. Aldemir Martins
26. Poty / Caio Mourão
27. Acervo

1963

28. Tran Tho
29. Aldo Bonadei
30. Carybé
31. Hugo Rodriguez
32. Fayga Ostrower
33. Noe / Deira/de La Vega / Maccio
34. Marcier
35. Raimundo Oliveira
36. Sorensen / Caio Mourão

1964

37. Acervo
38. Wladislaw
39. Jenner Augusto
40. Wega
41. Hansen / Bahia
42. 5 Pintores Argentinos (Clorindo Testa / Basaldua / Sarah Grilo / Pucciarelli / Torres Aguero)
43. Sanson Flexor
44. Laszlo Meitner
45. Iberê Camargo
46. Hayman Chaffey
47. Torres Aguero
48. Pequeno Tamanho / Caio Mourão / Didi

1965

49. Acervo
50. Marcier
51. Emanuel Araujo
52. Seoane
53. José Maria
54. Jef Golyscheff
55. Carybé
56. Bordeaux le Peco
57. José de Dome
58. 24 Artistas Estrangeiros (Gravuras)
59. Raimundo Oliveira
60. Arte Popular Mexicano / Caio Mourão

1966

61. Ireni Crespi
62. Aldemir Martins
63. Francisco Stockinger
64. Liberato
65. Maria Carmen
66. Laszlo Meitner
67. Calasans Neto
68. Hansen Bahia
69. Miguel D'Avila
70. Mario Cravo
71. Iberê Camargo
72. Agostinelli
73. Emanuel Araujo
74. Artesanato Espanhol / Caio Mourão

1967

75. Floriano Teixeira
76. Sonia Ebling
77. José Maria
78. Roberto Burle Marx
79. Juan Ventayol
80. Rubem Valentim
81. Bruno Gambone
82. Aldemir Martins
83. Arthur Luiz Piza
84. Artistas Brasileiros da Bienal de Paris
85. Loio Persio
86. Fernando Lopes
87. Atelier Nord (gravuras)

1968

88. Eckenberger
89. Wega
90. Ione Saldanha
91. Artistas de Israel / Somoza (jóias)
92. Orlando Teruz
93. Ernesto Barreda
94. Antonio Bandeira (Homenagem)
95. Ivan Serpa
96. Eduardo Sued
97. Nicola / Douchez (tapeçarias)
98. Fleur Cowles
99. Hrair
100. Dirce Pires da Silva

Não é próprio do chamado marchand d'art escrever - são os escritores, os críticos e os jornalistas que o fazem. E no meu caso e de minha galeria sempre o fizeram com dignidade e competência. Eu sempre fui estimulada indiretamente através dos artistas que apresento. O mérito é só deles. Eu os vejo sempre com profundo respeito, ainda que não seja o que costumam chamar um gênio. Poucas pessoas são mais vulneráveis quando verdadeiramente criadoras. Vulneráveis e carentes, em grau tão maior que todos nós. Está claro que minha vida profissional resulta do que eles criam para embelezar e enobrecer uma vida cada vez

mais difícil. Mas preciso poupar-lhes contatos desagradáveis a uma sensibilidade profunda, orientar sua forma e o momento de expor, sem grandes riscos. Preciso também fazer valorizar seu trabalho, menos pelo lucro da galeria que é um lugar onde grandes e menos grandes encontram lugar - é talvez mais por ele mesmo, que cedo ou tarde deixará a galeria mas talvez não se afaste de mim, como ser humano que rejeitará tudo se um dia for obrigada a deixar de sê-lo. Os exemplos destes cinco artistas que cultivei já firmados, ou ajudei a firmar e um que lancei com muito carinho por sabê-lo um predestinado ao talento e ao drama. Além do artista, do crítico e do colecionador, há no Rio um outro fator que me comove e motiva: a percepção, a inteligência, a curiosidade e o humor dos jovens e dos simples. É preciso dar apoio possível a essa parte que não faz parte do que os jovens artistas chamam "circuito" - é para eles enfim que num determinado tempo todos nós trabalhamos. Se Buenos Aires daquele tempo me motivava, foi no Rio que realmente comecei a me sentir útil e feliz. Mesmo podendo viver em minha ilha sem a galeria, ou com meu filho nos Estados Unidos, creio que vou viver até o possível numa sala Bonino ou em várias salas Bonino. Tenho uma dívida que preciso pagar para todos que me cercam e ajudam.

Giovanna Bonino

Duzentas exposições no Rio, vinte e cinco anos de vida, a partir de Buenos Aires em 1951, e uma sucursal em New York, além dos reflexos europeus — nada menos que isso a Galeria Bonino celebra com esta exposição dos grandes artistas que estiveram nesta sala e se foram, deixando cumprido um ciclo luminoso, fecundo e nobre — e uma grande ausência entre os que tiveram a graça da sua amizade, como é o caso de Giovanna Bonino, a grande dama e o grande exemplo do mercado de arte no Brasil.

Com a classe e a elegância de sempre, Giovanna recusou fazer promoções ou estardalhaço em torno desta data que assinala simultaneamente o nascimento da cadeia Bonino nas grandes metrópoles das Américas e o nascimento e a atuação em duzentas mostras no Rio de Janeiro que ela amará sempre, seja Distrito Federal, Estado, Município. Consentindo no lado humano e às vezes bem sentimental de sua dosada personalidade, quis prestar homenagem aos artistas cuja existência temporal cumpriu-se, dando estímulo, confiança e carinho aos primeiros passos de Giovanna no Rio de Janeiro como marchand e depois como amiga pessoal.

Sem ouvir conselhos dos profissionais da promoção vulgar, pediu meu auxílio como o crítico que melhor conhece no tempo a criação e o desenvolvimento das galerias Bonino e que hoje com a maior liberdade de crítica, sempre acatada, tornou-se também seu amigo. Queria serenidade no evento, algo positivo culturalmente, porém com a marca de uma saudade perene. Para chegar a essa conclusão, vi muita aflição, muito sorriso, tropeços verbais, enfim, os embaraços dos românticos contidos por pudor ou por julgarem que o sentimento individual nada tem a ver com responsabilidades executivas de direção. Foi muito divertido ver essa senhora que já levava a Bonino carioca em nível de qualidade operacional

exclusivamente sua há muitos anos desmunhecar numa saudade genuína de mulher brasileira. Engraçado e vivificante.

— Você sabe, explicou, eles tiveram comigo uma relação de verdadeiros amigos e não apenas de artista-marchand. E houve momentos em que precisei disso, e eles me deram como só poucos podem dar. Quase não tenho mais obras, mas tenho muita saudade de Portinari e Goeldi, mestres sem máguas, do otimismo de Bandeira, do desamparo aparente do renovador Serpa e das graças e carências do sofrido Raymundo de Oliveira. Algumas peças são da minha coleção particular, convivo com elas. Outras, consegui da coleção de particulares, também sensíveis e amigos. Não poderia nunca expô-los à venda sob pretexto de uma data que me é grata. Quero homenageá-los e lembrar a importância que tiveram e continuarão tendo.

Giovanna Bonino é de fato uma mulher surpreendente, uma exceção no perigoso e amplo matriarcado brasileiro. Ela consegue inspirar nova confiança no futuro do nosso macunaímico mercado de arte brasileiro — naquela casa não há mandatos de apreensão e buscas, falsificações, falta de pagamentos e humilhação do artista ou do crítico. Não há processos nem subornos em todos os níveis sociais, seja no profissional liberal que compra uma gravura, como no dono de empresa que adquire um Portinari.

Tenho participado da vida artística há 25 anos e nestes últimos dez anos com um mal-estar crescente, apesar de ter sido programado para o lado gélido do sistema. Sir Herbert Read do alto do seu bom senso britânico disse que "a coisa mais difícil na vida é manter a consciência íntegra" — e acusou até Baudelaire, Ruskin, Roger Fry e outros monumentos da crítica, para pedir

depois um mundo onde os artistas não sejam apenas criadores de "mercadorias". Mas já idoso, quando o conheci, bem como a Grohmann e Venturi, eles ganharam muito bem girando o mundo para escolher "mercadorias" para inteligentes milionários. Sir Herbert talvez tenha esquecido que mais difícil do que a integridade é a manutenção da liberdade, não uma liberdade irresponsável, mas a liberdade que para o verdadeiro artista é como a do verdadeiro religioso — uma severa disciplina que liberta a verdade.

Foi em 1957 que conheci a Bonino de Buenos Aires, que precedeu a do Rio. Alfredo e Giovanna haviam se estabelecido lá levados pela fabulosa vitalidade cultural portenha, realmente uma metrópole talvez superior à união dos defeitos e qualidades do Rio e São Paulo. Bem esnobes sabe-se, até no autoritarismo dialético, nas roupas, nos teatros no movimento editorial, na informação artística — inclusive na inútil tentativa de copiar Paris. Haviam deposto Peron e esconderam o tango, a milonga — o society que por lá chamam "la crema de la crema" só falava francês. Eu fazia parte de um grupo do MAM e do Itamaraty — e já se vê que me sentia um pouco no Trocadero, compreendendo muito bem a inutilidade da permanência de Le Corbusier em Buenos Aires e as conseqüências de sua "transitoriedade" pelo Brasil.

O grupo do MAM e do Itamaraty levava uma importante exposição de 40 anos de modernismo brasileiro, de 1917 à 1957, ou seja, de Anita Malfati a Ivan Serpa, com o melhor possível de permeio. Passei Buenos Aires de cabo a rabo, inclusive com o grupo Nueva Vision, o fidalgo concretista Pirovano — sigue el francés, Mauricio? — para acabar na competência e grande humor do conquistador "vieux lion", o crítico Romero Brest. Vi parte da montagem onde quase apanhei numa briga de

diplomata-rico com crítico-rico. E aguentei as frustraões urbanísticas e arquitetônicas de Amâncio Willians por horas. Após as reuniões, o cerimonial de inauguração com o presidente Aramburu, acabei na Galeria Bonino com Niomar apenas. Havia de tudo o que era bom e atual, coisas que o Brasil ainda não conhecia, e inclusive nem sabia, como a Escola de New York, cinéticos, pops, informais, abstratos líricos, mesmo um Pollock e um Albers, creio.

Não havia dinheiro, pois tudo era canalizado para a construção do MAM no Aterro. Pega, apalpa, descobre e afinal parou-se num Fontana e num Pomodoro com olho cumprido. Não eram grandes, eram bons, e pouco conhecidos. Começou-se aquela conversa elegante e constrangida sobre os problemas do museu e da arte brasileira, e quando preparava-se o segundo ato, parou-se: Giovanna e Alfredo faziam doação do mais importante e caro, Fontana, com 50% para o Pomodoro. Essa mesma exposição foi ao Chile com o presidente do MAM, embaixador Maurício Nabuco, os Macedo Soares que me permitiram levar o poeta Mario Faustino, e não houve doação nenhuma. Nada aconteceu no Peru também, nem um mini Agostinelli.

Os Boninos começaram a frequentar mais o Rio, fazendo perguntas sobre artistas visitando arquitetos e ateliers. Em 59 publiquei o mais equilibrado projeto de Sérgio Bernades para uma sala de exposições. Auxiliado por Alex Nicolaeff, o homem chegou até a se omitir coisa impossível naqueles anos - em favor da galeria. Mas também os Boninos estavam sempre nas bienais de Veneza, nas quintas avenidas com 57, em Salvador, Brasília, em todas. O Museu absorvia, trabalhava com Niemeyer, coluna diária, não me dei conta do que acontecia. Até a noite em que estávamos todos lá na primeira grande sala profissional, num mês de

maio de 1960. Nas paredes Volpi, Di, Portinari, Goeldi, Dacosta, Djanira, Bandeira, Iberê, Aldemir, Fayga, Ligia Clark e um lançamento recente, Loio Persio. Da Argentina, bem equilibrados e bem diferenciados, Basaldua, Farina, Raquel Forner, Fernandez Muro, Sarah Grilo, Josefina Miguens, Miguel Ocampo, Sakai, Seane, Clorindo Testa, Raul Soldi e Torres Agüero. Um catálogo bem paginado e informado trazia o entusiasmo raro de Mario Pedrosa. O nosso "vieux lion" aplaudia a escolha do Rio, o próximo fim da subservência dos artistas aos poderosos, do que viria suprir a falta de mercado de arte no Brasil, lembrando a importância dos marchands de qualidade no lançamento e afirmação de grandes artistas. Os não incluídos não se armarguravam na expectativa da sua vez - e pela primeira vez comecei a ver "longos" e brilhantes em galeria e Rols-Royce na porta, sem receio dos "ciganos".

A partir dessa exposição n.º 1 a rubrica Bonino passou a significar o exemplo ideal do mercado de arte levando os aventureiros a uma atuação mais decente, inclusive na construção de salas adequadas. Nenhuma aventura ambígua pode ser associada a ela até esta exposição 200 em 16 anos de atuação ininterrupta. Sereníssima, Giovanna criou um foco de atração onde todos sempre se sentiram seguros e valorizados. A lista das 200 exposições é significativa, quase um resumo do que tem surgido de melhor no Brasil e na Argentina, mais daqui do que de lá naturalmente. Individuais e coletivas, nenhuma apelação leiloeira, nada de blefes mirabolantes, chegando mesmo a trazer até redes de Calder a 40 mil, o preço de gente mediocre especialista em badalação jornalística e social.

Minha experiência no ramo não é grande, embora tenha visto um marchand americano com a franqueza

de um quase cowboy, num juri de Veneza, dizer que se Rauschemberg não fosse premiado, o mercado americano (Deus nos livre) seria trancado para os europeus recentes. No fundo, os europeus do juri fariam o mesmo, porém com processos mais sutilmente medievais. Já ouvi um pequenino e maneiroso marchand da Quinta Avenida, discursar em várias linguas, referir-se à Documenta de Kassel como algo incômodo e que teria de ser mudado - e mudou. E quando me surpreendi com a seriação de Andy Warhol em 10 mil dólares, ele foi categórico: "Monsieur, se Mrs. Vanderblit adquirir um Andy Warhol por dez mil dólares, está fixado o preço. Ainda seja uma serigrafia, eu nunca trairia Mrs. Vanderblit". Assim é melhor continuar com o que disse Jacques Villon, no seu relato de Veneza, ao lado de Lucio Costa, Henry Moore, Rouault, Herbet Read e outros cobras. Num pequeno parêntesis Villon foi claro: — "Pode-se imaginar algumas leis para freiar os abusos dos críticos e obrigar os marchands a tratar seus artistas com honorabilidade. Mas, em princípio, o Estado não deve interferir nesse campo. Como o artista isolado não se encontra em boa posição para lutar, somente o próprio Marchand pode arcar com a responsabilidade financeira e cultural de, através de sua organização, ao longo dos anos, em coletivas e individuais, contrabalançar o que há de confuso nas instituições e salões similares."

O grande Villon terá pensado em gente como Giovanna Bonino, como também o fez Pedrosa e estes cinco grandes senhores da criação ou da invenção. E como penso eu também ao assinalar em crônica essas duzentas exposições, saudando com afeto e respeito Giovanna Bonino, pedindo-lhe permanência e expansão.

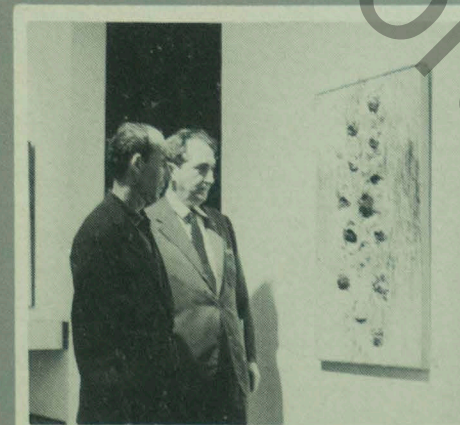
Jayme Maurício

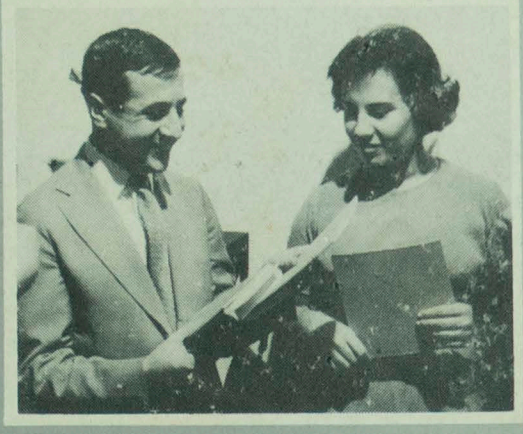
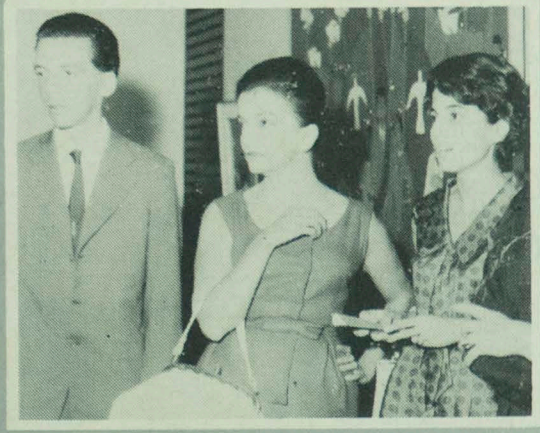
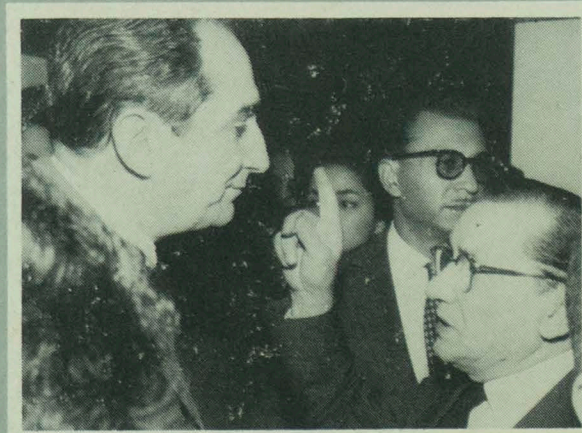
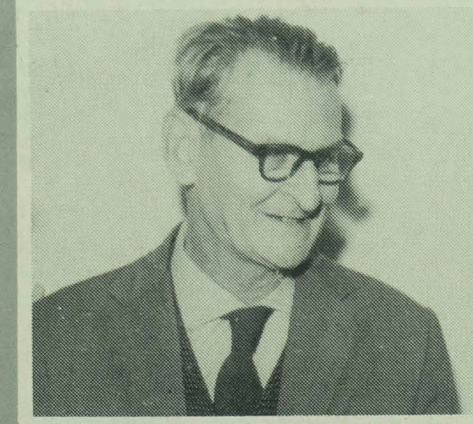
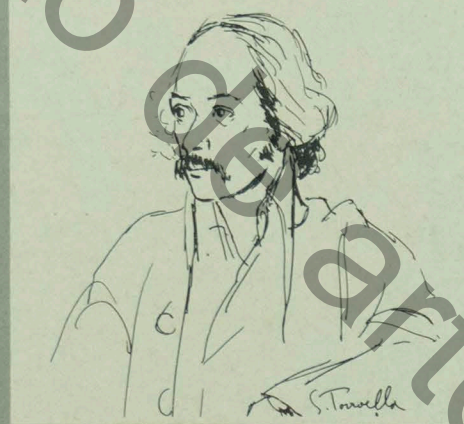
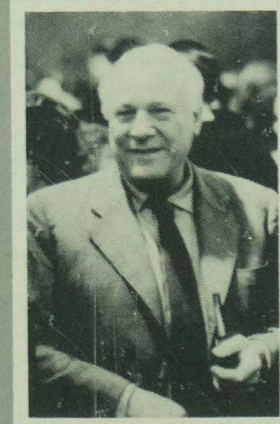
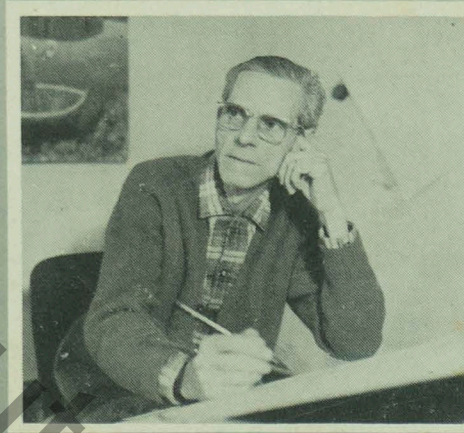
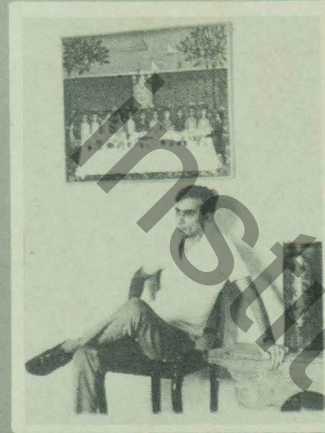
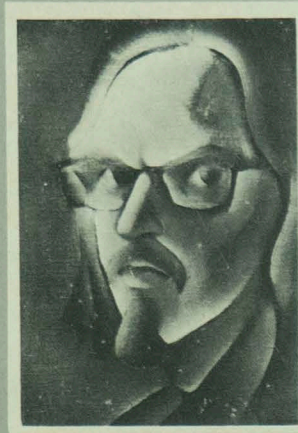


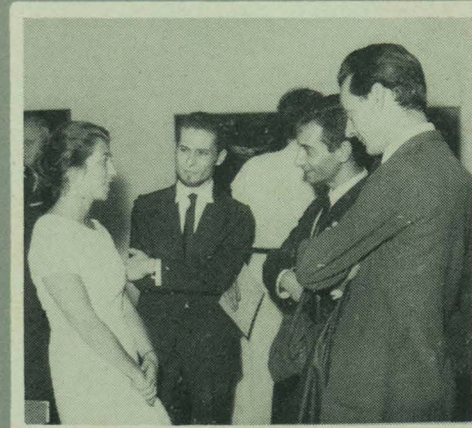
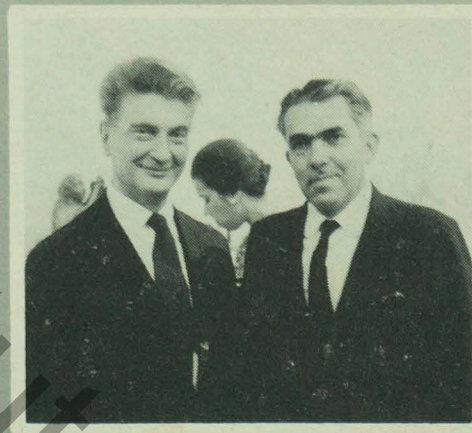
A Árvore

Antonio Bandeira
(1922 - 1967)

1. Auto Retrato
1945
Col. Marcio Porto
2. Cena de Bar
1944
Col. Marcio Porto
3. Soleil sur Paysage
Vertical
1965
Col. Geraldo Longo
4. Cidade Iluminada
1962
Col. Geraldo Longo
5. Il Neige sur "Notre
Dame"
(1962)
Col. Geraldo Longo
6. A Árvore
1957
Col. Marcio Porto







Oswaldo Goeldi
(1895 - 1961)

1. Guarda
Nanquim
Col. José Maria de Souza
2. Nuvem
Xilogravura
Col. José Maria de Souza
3. Ar do Mar
Xilogravura
Col. José Maria de Souza
4. Auto Retrato
Matriz
Col. Ana Letícia
5. Pescador
Xilogravura
Acervo Galeria Bonino
6. Vitória Régia
Xilogravura
Acervo Galeria Bonino
7. Sol.
Xilogravura
Coleção Ary Macêdo
8. Um Sorriso Por Favor
Desenho
Coleção Ary Macêdo



Vitória Régia

Contemporânea



Mãe

Cândido Portinari
(1903 - 1962)

1. Retrato de João
Col. João Portinari
2. Músico
Col. Gilberto Chateaubriand
3. Lavadeiras
1975
Col. Giovanna Bonino
4. Mãe
Acervo Galeria Bonino
5. Embarque de Café
Col. Particular

Raymundo Oliveira
(1930 - 1966)

1. Cristo e o Exército dos Anjos
Col. H. C. Cordeiro Guerra
2. Fuga ao Egito
Col. Giovanna Bonino
3. Pentecostes
Acervo Galeria Bonino
4. Os Israelitas voltam à
Jerusalém
Acervo Galeria Bonino



Os Israelitas Voltam a Jerusalém



Duendes

Ivan Serpa
(1923 - 1973)

1. Corpo Nu
1965
Col. Lygia Serpa
2. Jeanne D'Arc
1962
Col. Lygia Serpa
3. Fase Amazônica
1968
Col. Paulo Lima
5. Paisagem
Col. Paulo Lima
5. Duendes
Acervo Galeria Bonino
6. Pintura n.º 415
Acervo Galeria Bonino

1969

101. Acervo
102. Segius Erdelyi
103. José Tarcisio
104. Fernando Coelho
105. Abelardo Zaluar
106. Reynaldo Fonseca
107. Quissak Jr.
108. Hugo Rodriguez
109. Fernando Lemos
110. Emanuel Araujo
111. Leonidas Castro
112. Paulo Becker
113. Newton Rezende
114. Amelia Toledo

1970

115. Acervo
116. Zoravia Bettiol / Vasco Prado
117. Joaquim Tenreiro
118. George Luiz
119. Toyota
120. Fernando Lopes
121. Antonio Maia
122. Kazuo Wakabayashi
123. Glauco Rodrigues
124. João Camara
125. Nicola / Douchez
126. Newton Rezende
127. Aldemir Martins / Waldeloir Rego (Joias)

1971

128. Ernani Vasconcelos
129. Juarez Machado
130. Antonio Henrique Amaral
131. Guima (portugues)
132. Quissak Jr.
133. Reynaldo Fonseca
134. Wega
135. Ernesto Barreda
136. Fayga Ostrower
137. Mario Ormezzano
138. Jack Brusca
139. Rogelio Polesello
140. Ásia-América-África

1972

141. João Carlos Galvão
142. Alastair Michie
143. Mario Cravo Jr.
144. Eckenberger
145. Kawarabayashi (esculturas)
146. Rossini Perez
147. Francisco Stockinger
148. Sonia Ebling (pinturas)
149. Newton Rezende
150. Emanuel Araujo
151. Arcangelo Ianelli
152. Aldo Sessa
153. Miguel dos Santos

1973

154. Messinger de Jerusalem
155. Ivan Freitas
156. Antonio Maia
157. Evany Fanzeres
158. Kozo Mio
159. Marília Kranz
160. Rubem Ludolf
161. Tobias
162. 36 Artistas Estrangeiros (gravuras)
163. Fletcher Benton
163. Rogelio Polesello
164. João Camara
165. Art Nouveau / Art Deco

1974

166. Maria Luisa Leão
167. Anna Bela Geiger
168. José Maria
169. Carlos Bracher
170. Roberto Burle Marx
171. Zoravia Bettiol
172. João Carlos Galvão
173. Roberto Newman
174. Rafael Perez
175. Fayga Ostrower
176. Almir Mavignier
177. Newton Rezende
178. O Homem Através do Tempo

1975

179. Paulo Gomes Garcez
180. Dulce Magno
181. Antonio Henrique Amaral
182. Joaquim Tenreiro
183. Cybele Varela
184. Maria Ines Klieman
185. Pintores Primitivos da América Latina
186. Tobias
187. Torres Agüero
188. Maria Bonomi
189. Darcilio Lima
190. Emanuel Araujo (relevos)
191. Armando Sendim
192. Miguel dos Santos
Juarez Machado • Caio Mourão (Jóias)

1976

193. Calder (tapetes e redes)
194. Toyota
195. João Camara
196. José Maria
197. Dora Basilio
198. Juarez Machado (espelhos)
199. Isabel Pons
200. Exposições da Galeria Bonino

Antonio
Henrique
Nitsche
programou

GALERIA BONINO Rua Barata Ribeiro, 578 Tel. 235-7831 Rio de Janeiro Brasil

Exposição n.º 200 / de 25 de agosto à 11 de setembro

Exposição Inaugural (1960)

